

RESENHAS

Déléage, P. (2020). *Arctic Madness: The Anthropology of a Delusion*. Chicago: Hau Books. 129 p.

YAZMIN B. DOS REIS E SAFATLE

Centre National de Recherche Scientifique (CNRS), Laboratoire Ecologie, Evolution, Interactions des Systèmes amazoniens (LEEISA), Caiena, Guiana francesa
<https://orcid.org/0000-0003-0193-5177>
yazmin.safatle@hotmail.com

Um missionário católico gay no Polo Norte em pleno século XIX sofre surtos psicóticos e é considerado “louco”. Pierre Déléage reconstrói o que ele denomina de uma *biography of a delusion*, “biografia de um delírio”. Trata-se do processo de adoecimento mental de Émile Petitot, missionário francês, durante a sua estadia no Canadá em função da conversão do povo Dene ao cristianismo. Apesar de trazer elementos sobre a origem e a trajetória de vida desse missionário francês, a obra do antropólogo e diretor de pesquisa no Laboratoire d’Anthropologie Sociale (LAS) do Centre National de Recherche Cientifique (CNRS), em Paris, se concentra nos anos passados no Canadá e principalmente na tentativa de compreensão do seu adoecimento mental com suas diversas facetas sociais e psíquicas.

Originalmente publicado em 2017 o livro ganhou nova edição em 2020. A tradução de Catherine V. Howard do francês para o inglês está impecável, tornando a leitura fluída e prazerosa, embora não seja leve. Alguns relatos de percepções e denominações racistas por parte dos religiosos franceses são reproduzidos. Além disso, a obra aborda a temática de internação compulsória e sofrimento mental.

Descobrimos já mais para o final da leitura os motivos por trás do fascínio de Pierre Déléage por Émile Petitot: apesar das suas interpretações sobre o povo Dene serem bastante atravessadas pelos seus delírios, seu racismo e a princípio possuírem pouco valor científico, o missionário organizou uma vasta coleção das histórias da cosmogonia Dene, transcrevendo as narrativas no seu idioma original e traduzindo-as para o francês. A tese de doutorado de Pierre Déléage versa sobre o idioma e o conteúdo dos cantos dos xamãs Sharanahua, na Amazônia Ocidental. Por defender a prática etnográfica como método para a transcrição e a tradução, o autor considera Émile Petitot seu precursor, uma vez que este pode ter sido a primeira pessoa a ter realizado esse tipo de trabalho de campo.

Arctic Madness é baseada em uma pesquisa meticulosa realizada a partir dos diários de Émile Petitot, seus escritos sobre o povo Dene e os sete volumes de sua autobiografia (*Mémoires d’un missionaire*), mas também de cartas e relatos escritos tanto por ele como por outros missionários e membros da igreja do seu convívio. Um dos desdobramentos atuais desse material deixado por Petitot é uma intervenção

no mapa interativo *Google Maps* criado pelo Aurora Research Institute que mostra os nomes originais no idioma Dene dos lugares em Sahtú, Canadá, conforme registrados pelo missionário (o mapa pode ser consultado em <https://data.nwtresearch.com/Petitot/Map>). Pierre Déléage perde a oportunidade de adentrar na situação de vida atual do povo Dene, sua luta por autodeterminação, pela retomada de sua cultura e direitos ao território. A maior falha desse trabalho sem dúvidas é a ausência da elaboração própria dos Dene acerca desse período e das missões católicas instauradas no seu território. Apesar de trazer elementos da sua cultura e cosmogonia, o texto possui como enfoque o missionário francês.

Pierre Déléage nos conduz pelos diferentes momentos da vida de Émile Petitot. Apesar de não seguir uma ordem cronológica linear, a estrutura da obra não ficou confusa. Além da narrativa em um estilo romanesco, trechos dos diários do missionário, a reprodução de fotos, cartas e narrativas cosmológicas do povo Dene contribuem para tornar a obra instigante. O resultado é um retrato vívido e envolvente de um homem fragmentado – não apenas estranho para o povo Dene, mas também alheio à sua própria sociedade e pecaminoso aos seus próprios olhos. Ele é consumido pelo auto-ódio e pela culpa e ao mesmo tempo não consegue deter o desejo pela liberdade por ele presenciada. Observando os modos de vida do povo Dene ele passa a questionar cada vez mais o celibato e a rotina imposta pela igreja. O fato de neste contexto a homossexualidade não ser condenada, o incentiva a viver a sua própria e ele se torna um padre rebelde. O tempo passado com os indígenas, até mesmo desobedecendo às ordens de seus superiores, se torna lugar de fuga. No entanto, em vez de se libertar das suas crenças e valores enraizados, ele condena a sua própria sexualidade e passa a considerar a cultura Dene inferior e equivocada.

O livro é dividido em três capítulos cujos títulos fazem referência a transtornos psiquiátricos. Inicialmente somos introduzidos ao protagonista e aos temas centrais da obra enquanto os dois últimos capítulos aprofundam o teor das alucinações e do fanatismo religioso do missionário.

No primeiro capítulo “Persecution Mania: A Missionary among the First Nations” (“Mania de perseguição: um missionário entre as Primeiras Nações”), Émile Petitot – cartógrafo, linguista, folclorista e etnógrafo autodidata nascido em 1838 e crescido em Marseille, França – nos é apresentado. Aos 17 anos seu pai morreu e foi quando ele decidiu se tornar missionário. Muito provavelmente essa escolha não foi apenas motivada por sua fé, mas também pelo seu desejo de fugir do seu meio social, ao qual nunca se sentiu pertencente. Além disso, Petitot sonhava em se aventurar em terras longínquas, conhecer outros povos, aos quais tanto tinha lido. Sua leitura preferida eram os relatos de exploradores do Ártico. Após tornar-se padre ele embarcou em um navio rumo ao Canadá onde passaria doze anos, de 1862 a 1874 e depois de 1876 a 1882.

Sua estadia na missão foi interrompida pela internação compulsória em um manicômio em Montréal. Por volta dos anos 1870, sua saúde mental tinha deteriorado e ele sofria crises psicóticas em que agredia a si mesmo e aos outros, de acordo com relatos dos seus companheiros na missão. Liberado do manicômio treze meses depois, Petitot passou o resto da sua vida em “nostalgia e solidão amarga” (:6, em tradução livre) na paróquia de Mareuil-lès-Meaux, França. Lá, escreveu sua autobiografia em sete volumes e vários outros textos. Estes, no entanto, não foram publicados, pois não foram considerados relevantes pela comunidade científica e tampouco pelo clero. Petitot faleceu em 1916.

Durante o período vivido na missão católica, o missionário se envolveu amorosamente com um jovem Dene. Dessa forma, no primeiro capítulo conhecemos a sua trajetória e a percepção do povo Dene sobre relações homoafetivas. Uma vez que estas não eram entendidas sob um prisma de valores cristãos, tampouco eram dotadas de tabu, nem objeto de estranhamento e muito menos motivo para marginalização. O texto traz, portanto, uma contribuição para os estudos sobre a colonização da vida afetiva-sexual, em que a cristianização introduz uma profunda ruptura e um deslocamento das posições dadas às pessoas LGBTs em sociedades não ocidentais.

Já o segundo capítulo “Interpretation Delusions: Israelites of the North Pole” (“Delírios de interpretação: Israelitas do Pólo Norte”) apresenta a tese pela qual Émile Petitot estava obcecado: ele passou a interpretar os ritos e costumes dos Dene como prova de que estes seriam descendentes dos hebreus do Velho Testamento, do clã de Dan, o quinto filho de Jacob. Nessa mesma linha de raciocínio ele traçou paralelos entre a cosmogonia Dene e a bíblia. Destaca-se o fato de que a ideia de uma “origem hebreia” dos povos indígenas ainda era defendida na época. De acordo com Déléage, os seus escritos não teriam sido depreciados pela tese defendida, mas sim pela metodologia empregada: até para a época, Émile Petitot estava “forçando a barra”: seus dados pareciam nitidamente manipulados para corresponderem à sua tese. Cartas confessando sua homossexualidade e os surtos psicóticos com certeza contribuíram para que o clero e a comunidade científica o boicotassem.

O terceiro capítulo é intitulado “Prophetic Frenzy: Anticipating the End Times” (“Frenesi profético: antecipando o fim dos tempos”). O “fim dos tempos” envolve uma crença difundida entre alguns grupos baseada na interpretação de trechos bíblicos, que propaga uma segunda vinda de Jesus; essa expressão pode ser entendida também como um possível apocalipse, o fim da humanidade tal como a conhecemos. Nesse capítulo, o autor descreve as crises psicóticas de Émile Petitot, que se questionava sobre ser ele mesmo um sinal do “fim dos tempos”. A conversão dos “Israelitas do Polo Norte” ocuparia um lugar central nesse acontecimento bíblico. Nessa época, como em outras, a prática epistemicida e racista de inserir os povos indígenas em uma narrativa bíblica de “fim do mundo” era muito difundida entre os estudiosos e a Igreja Católica para justificar a colonização.

O conteúdo dos delírios de Émile Pietot envolviam circuncisão, o anticristo e o fim dos tempos. Ele projetava esses temas sobre o povo Dene. Em dado momento, ele se enxergava como mártir, em outro como o próprio anticristo e transpunha essas mesmas figuras nas pessoas em sua volta. É importante notar que os seus delírios não eram únicos para a época, como Pierre Déléage demonstra ao trazer outros exemplos de pessoas consideradas “loucas” cujos surtos possuíam conteúdo semelhante, baseado em ideias que circulavam nesse período.

No entanto, os temores e as crenças em torno do “fim dos tempos” não se restringiram apenas a essa época. É interessante notar como essa temática é constantemente atualizada dentro do cristianismo. Atualmente, no Brasil, a vivência pública de afetos não heterossexuais e dissidências de gênero no geral são vistas como provas do “fim dos tempos”. Tratar-se-ia de um estágio de deterioração moral e social que antecederia um novo momento na humanidade, da depravação para a pureza, como o destino das cidades de Sodoma e Gomorra. A própria expressão “sodomitas” para

se referir a pessoas homossexuais, bissexuais e gênero dissidentes indica essa ideia. Émile Petitot, sendo um homem gay e profundamente imerso no catolicismo, enxergar em si mesmo o anticristo não surpreende nesse contexto e demonstra o longo histórico de demonização da dissidência sexual afetiva e de gênero.

Esse capítulo também traz relatos fortes de como o cristianismo foi interpretado segundo o próprio universo simbólico dos Dene com a inserção de elementos cristãos nos seus ritos. Uma hipótese possível para tanto, de acordo com Pierre Déléage, seriam as contínuas epidemias sofridas pelos Dene provocadas pela invasão europeia. Estas os teriam tornado mais suscetíveis às promessas cristãs de salvação.

Escrever este livro reacendeu o interesse de Pierre Déléage pela luta antimanicomial. Ele a descreve como “uma abordagem libertadora” que enxerga atos e palavras de “loucura” como expressões de uma voz que precisa ser ouvida – é por esse vis que o autor defende a maneira de organizar a obra, trazendo as narrativas autobiográficas do personagem principal, ao invés de buscar traçar um “perfil clínico” a partir de sintomas. A maneira como o antropólogo francês procura não reduzir Émile a mera vítima e nem romantizar a sua pessoa, pode ser considerada um esforço antimanicomial no sentido de humanizar a figura do “louco”.

Geralmente, em algum momento durante os estudos antropológicos lemos relatos de viajantes e missionários dessa época acerca das suas impressões sobre os povos indígenas, mas desconheço uma obra tão íntima e vasta, desde a perspectiva de um missionário europeu, uma pessoa infame, em crescente isolamento e estigmatização, revoltada, porém não revolucionária. A originalidade da obra está na tentativa de compreender a vida interior de Émile Petitot, sem desconsiderar a sua história de vida e as circunstâncias que o envolviam. Se este homem aparece como um caso extremo de “loucura”, o autor em diversas passagens demonstra que seus surtos psicóticos encontravam solo fértil no contexto de colonização e evangelização e, principalmente, nas ideias difundidas na época. Várias interpretações eram compartilhadas por seus pares.

Dessa forma, a obra suscita a reflexão sobre o surgimento delirante da própria Antropologia: a construção do Outro como sociedade “simples”, que pode ser descrita e salva – ora pela religião, ora pela ciência – sempre pela branquitude. Vale a pena a leitura: trata-se de uma imersão curiosa e inédita no que Pierre Déléage afirma poder tratar-se de uma reconstrução histórica dos inícios de uma Antropologia linguística – expondo a violência adoecedora do colonialismo, do estigma da loucura e da homofobia.

Yazmin B. dos Reis e Safatle é Mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB). Atua em um projeto de pesquisa aplicada junto ao povo Palikur no Laboratoire Ecologie, Evolution, Interactions des Systèmes amazoniens (LEEISA) do Centre National de Recherche Scientifique (CNRS) em Caiena, Guiana francesa.

AGRADECIMENTOS

A Nadine Francisca Rodrigues da Silva, pela preciosa revisão de forma e conteúdo.

A Pedro Henrique Chaves Reis pela revisão gramatical e ortográfica.

RECEBIDO: 01/05/2022

APROVADO: 30/08/2022

PUBLICADO: 23/12/2022



Este é um material publicado em acesso
aberto sob a licença *Creative Commons*
BY-NC